



---

## A avaliação na oração matriz e no segmento A

Nilza Barrozo Dias (UFF)  
Marcela Zambolim de Moura (UFJF)<sup>i</sup>

**RESUMO:** Este artigo investiga o comportamento da oração matriz no complexo oracional subjetivo e do segmento A no complexo apositivo, com foco nas frases com [verbo ser + nome avaliativo] ou somente com [nome avaliativo], em textos escritos do português do Brasil. No complexo oracional subjetivo, a matriz seleciona um predicado-argumento sujeito e, no complexo apositivo, o segmento A mantém uma relação paratática com o segmento B. Consideramos que a posição inicial ocupada pelos segmentos em análise representam o ‘espaço’ de marcação de atitude do falante. A análise apóia-se na proposta teórica funcionalista americana.

Palavras-chave: matriz; subjetiva; apositiva; avaliação.

### Introdução

A avaliação constitui uma realização macro da atividade interacional, (GOODWIN,1987) manifesta em micro estrutura sintática;esta pode sofrer processos de mudança lingüística desencadeados pelo usuário através da modalização e da avaliação. É a exploração da “moldagem” mútua entre gramática e discurso (FOX, 2007). A estrutura sintática micro em análise, [verbo ser + nome avaliativo] e [ substantivo avaliativo], é a oração avaliativa em que se manifesta um posicionamento atitudinal do locutor. Nas palavras de White (2004), a avaliação é constituída de ‘sentenças que podem ser interpretadas como indicando que alguma pessoa, coisa, situação, ação, evento ou estado de coisas é para ser visto positivamente ou negativamente’.

O objetivo deste trabalho é mostrar o comportamento de segmento A, que represente uma avaliação do falante em relação ao segmento que se realiza como B, o que constitui o avaliado. O segmento A é tratado pela gramática tradicional como oração principal e o segmento que lhe segue funciona como sujeito, complementos e aposto (orações subordinadas substantivas na tradição gramatical) no complexo oracional. O nosso objeto de

---

<sup>i</sup> Este artigo baseia-se em: (i) dissertação de mestrado de Marcela Zambolim de Moura, intitulada:*Orações matrizes[verbo ser + predicativo]:predicados que expressam atitude do falante*, defendida no PPG-Linguística da UFJF, em 27.4.2009; e (ii) pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPEMIG, sediada na UFJF, no período de 2003 a 2007.

estudo está centrado no segmento A que tenha um segmento B funcionando quer como sujeito, quer como aposto. A avaliação representada no segmento A realiza-se morfologicamente como adjetivo e substantivo avaliativos, antecedida geralmente de verbo 'ser'. O segmento A poderá ser denominado no decorrer do texto de oração matriz, no caso das orações complexas subjetivas; ou de segmento A (paratático), no caso das orações complexas apositivas.

Embora reconheçamos que o segmento A apresente um maior número de ocorrências com a função semântico-discursiva de modalidade, deôntica e epistêmica, nas orações complexas subjetivas, e um maior número de ocorrências com as funções semânticas de *paráfrase, conclusão avaliativa, especificação, particularização e focalização*, nas orações complexas apositivas, optamos por trabalhar apenas com o segmento A que denote avaliação em ambos os tipos de orações complexas, o que representa um número pequeno de ocorrências. A nossa hipótese considera que a posição inicial ocupada pela matriz e pelo segmento A representam o 'espaço' de marcação de atitude do falante.

O texto tem como suporte teórico a proposta funcionalista, embora receba contribuições da Sociolinguística Interacional no que diz respeito à análise da avaliação (FINEGAN (2005). Já a análise da combinação de orações está particularmente baseada em Halliday (1985) e Lehmann(1988).

O presente artigo apresenta uma seção inicial sobre avaliação, uma segunda seção acerca de uma proposta sobre combinação de orações e avaliação, e a terceira e quarta seções constituem a análise de dados, sendo a terceira sobre a manifestação da avaliação nas orações matrizes das encaixadas subjetivas e a quarta sobre a manifestação da avaliação num tipo de segmento A no complexo oracional apositivo, as 'pequenas cláusulas'. Por fim, temos as considerações finais e as referências bibliográficas. Para identificar os segmentos, utilizamos o negrito para o A e o itálico para o B.

No presente trabalho, são utilizados somente textos escritos, já que orações complexas com indicativo de avaliação são bastante raras nas amostras de fala mineira. Foram selecionadas reportagens e notícias dos jornais Estado de Minas e Tribuna de Minas *on line*, durante o período de Outubro de 2007 a Janeiro de 2008 e as seções "Ponto de Vista" e "Em foco" da revista *Veja*, no período entre 1998 e 2004. No primeiro grupo de textos, temos uma variedade de temas escritos por autores diferentes, o que resulta num material bastante heterogêneo e rico. Já no segundo grupo, encontramos predominantemente textos de opinião, terreno fértil para a ocorrência das orações complexas apositivas. A análise empreendida foi a qualitativa. Os textos selecionados no estudo da avaliação pertencem a autores que se preocupam com a língua em uso.

## 1. A avaliação

A avaliação, segundo Labov (1972), é um dos elementos estruturais da narrativa e tem por finalidade informar sobre a carga dramática ou o clima emocional da situação, eventos e protagonistas. Para Labov, qualquer elemento que reflita a perspectiva do narrador e a interpretação subjetiva dos eventos narrados pode ser considerado como um elemento avaliativo do texto.

Em Kock (1984), a avaliação é analisada apenas em certas expressões e vista como indicadora do estado psicológico do locutor diante dos fatos veiculados. Tais expressões são: *é bom que, é lamentável, é pena, desejo que*. Percorrendo o mesmo caminho, Neves (2000, p. 183) classifica os adjetivos, no campo semântico da avaliação, como indicadores de avaliação psicológica e de avaliação de propriedades intensionais. Na avaliação psicológica, os adjetivos exprimem propriedades que definem o substantivo, apresentando direções em relação ao falante e à coisa que se nomeia: podem ser na direção da coisa nomeada para o

falante, e, na direção do falante para a coisa nomeada. A autora exemplifica com *decepcionante*, para avaliar o tom com o qual alguém fala, e *sincera*, para indicar a qualidade de alguém diante de uma situação. Já na avaliação de propriedades intensionais, os adjetivos exprimem propriedades que descrevem o substantivo em termos de qualidade, de quantidade, de autenticação e de relativização (IBID, p.189).

Encontra-se também em Givón (2001, p. 83) uma classificação de adjetivos como avaliativos. O autor os divide entre: (a) os mais prototípicos, que são inerentes ao código - são os adjetivos concretos, que indicam qualidades das entidades (brilho, cor, tamanho, gosto, etc.) e (b) os menos prototípicos, que codificam temporariamente os estados concretos. Os adjetivos avaliativos sinalizam julgamento subjetivo relacionado com dimensões físicas e sociais, conectados a traços inerentes ou estados temporários. Para ilustrar, o autor apresenta antônimos como *bom/ruim; bonito/feio; legal/péssimo*; etc.

White (2003) preocupa-se com os recursos lingüísticos através dos quais o falante se expressa, negocia e naturaliza a subjetividade e suas posições ideológicas. Dentro desse amplo escopo, White preocupa-se mais especificamente com a linguagem da avaliação, atitude e emoção, e com uma rede de recursos que, explicitamente, marcam a proposição do texto e proposições interpessoais. Nesse sentido, a teoria está relacionada com os significados que mostram o compromisso do falante com suas elocuições, manifestos em três subtipos, a saber: *Atitude, Comprometimento e Gradação*.

A *Atitude* expressa valores através dos quais os falantes passam julgamentos e associam respostas emocionais/afetivas com os participantes e os processos descritos. Para ilustrar, um exemplo usado pelo autor: *Well, I've been listening to the two guys who are heroes [value judgement] and I admire [affect] them both* (WHITE, 2003, p. 02).

O *Comprometimento* é expresso por recursos que mostram o posicionamento do falante/autor em relação às várias proposições e propostas emitidas pelo texto. Os falantes tanto reconhecem ou ignoram a diversidade de pontos de vista, colocando-se em risco por intermédio de suas participações, negociando um espaço interpessoal dentro dessa diversidade. Para ilustrar, o advérbio *talvez* é classificado como um modal que indica probabilidade, imprimindo menor comprometimento do falante em relação à proposição (Ibid., p. 02).

A *Gradação* está relacionada a valores que existem para fornecer escala, tanto em termos de força interpessoal, através da qual o falante anexa uma elocução, ou em termos de precisão ou obscuridade do foco, com o qual o item emite um determinado valor. Essas duas dimensões são: a) *Força*, que é uma variável da escala de intensidade, e b) *Foco*, que diz respeito aos limites nítidos e indistintos das categorias.

Além desses subtipos, o autor propõe três tópicos semânticos, que funcionam como subsistemas para *Atitude: Apreciação, Afeto e Julgamento*. Os três estão associados à atitude do falante.

*Apreciação* expressa a tomada de posição do falante em relação a coisas, forma, aparência, composição e artefatos humanos; as nossas reações e atenção a coisas com seus componentes de valores agregados; e a nossa posição em relação a processos por referência a respostas emocionais bem como a sistemas culturalmente determinados. A subjetividade envolvida dos participantes é muito menos diretamente representada e muito mais depreendida do contexto.

*Afeto* está relacionado com respostas emocionais, sendo tipicamente realizado através de reações de processos mentais e através de relações atributivas de afeto. Segundo o autor, o *afeto* pode se realizar como nomes – *fear*, por exemplo - e, ainda, se realizar como categorias positivas ou negativas, como *amor versus ódio, estar agradado versus irritado*, etc. Cada significado está alojado em uma escala de força, que vai do grau mais baixo para o mais alto, como por exemplo, *gostar, amar, adorar e preocupado, assustado, aterrorizado* (IBID.).

*Julgamento* contém sentidos que servem para avaliar o comportamento humano positiva ou negativamente em referência a normas institucionalizadas. *Julgamento* ocorre quando o falante emite uma avaliação das ações e das disposições dos participantes da interação, tendo em vista regras de padrão comportamental. As regras sociais são como regulamentos, definindo expectativas sociais e sistemas de valores. Dessa forma, sobre um *Julgamento*, os participantes acessam um comportamento que pode ser visto, segundo White, como moral ou imoral, legal ou ilegal, como socialmente aceitável ou não aceitável, normal ou anormal, etc. Os valores de *Julgamento* definidos pelo autor estão transcritos a seguir, com suas respectivas classes:

1. adverbials – justly, fairly, virtuously, honestly, pluckily, indefatigably, cleverly, stupidly, eccentrically;
  2. attributes and epithets – a corrupt politician, that was dishonest, don't be cruel, she's very brave, he's indefatigable, a skilful performer, truly eccentric behaviour;
  3. nominals – a brutal tyrant, a cheat and a liar, a hero, a genius, a maverick;
  4. verbs – to cheat, to deceive, to sin, to lust after, to chicken out, to triumph.
- (WHITE, 2003, p. 26)

Assim como o valor de *Afeto*, *Julgamento* também apresenta *status* positivo ou negativo: *virtuoso versus imoral*, *honesto versus falso*, *esperto versus estúpido*, etc. Esses também são localizados em uma escala de força e intensidade, que varia de valores mais baixos a valores mais altos, como *OK > skilled > brilliant* (Ibid.).

O autor ressalta, entretanto, que o *Julgamento* é determinado por valores sociais e culturais, o que não torna possível a mesma categorização para diferentes contextos culturais. Seu estudo foi baseado na classe média de Ingleses que vivem no Oeste do país.

Aprofundando-se na definição de avaliação, Vieira (2007) desenha o cenário no qual se inscrevem os estudos sobre a argumentação, discutindo o *status* objetivo e subjetivo desde os postulados de Aristóteles. A autora mostra como as opiniões podem ser objetivas e subjetivas ao mesmo tempo. A partir disso, apresenta os diferentes enfoques através dos quais são tratados os temas subjetividade e avaliação.

Vieira cita autores que investigam a avaliação sob diferentes perspectivas. Alguns desses autores mostram que os participantes de uma interação podem exibir avaliações através de fenômenos não-segmentais, tais como a entonação, os alongamentos, as ênfases ou as sobreposições nos trechos em que há avaliação (Goodwin (1987, 2003). Outros consideram que há palavras avaliativas como adjetivos, advérbios, substantivos e verbos, e ainda, *hedges*, enfáticos e modais indicadores de possibilidade (Biber e Finegan (1989). Para Hunston e Thompson (1999), tais itens avaliativos funcionam como *marcadores de posição* (Biber e Finegan (1989), mas, sozinhos, não permitem identificar a força avaliativa do enunciado, sendo necessário haver um *background* para favorecer a interpretação.

Assim como Biber e Finegan (1989), os quais relacionam avaliação à modalidade, Vieira cita ainda Fairclough (2003), quem apresenta quatro sinais de avaliação, dentre os quais um se refere ao nível modal do discurso. Temos: (a) declarações avaliativas; (b) declarações com modalidade deôntica; (c) declarações com processos verbais mentais e afetivos; e (d) assunções avaliativas, cuja avaliação é inferida a partir de valores partilhados entre falante/escritor e ouvinte/leitor.

Vieira ressalta ainda que avaliação tem sido estudada no âmbito da sintaxe funcionalista, através dos trabalhos de Nogueira (1999 apud VIEIRA, 2007), para quem a avaliação tem uma função textual-discursiva em textos do português contemporâneo escrito.

## 2. A combinação de orações e a avaliação: uma proposta

Para analisar as orações com as quais trabalhamos, buscamos a definição de Halliday (1985) e Lehmann (1988) sobre combinação de cláusulas. Para Halliday(1985), o complexo oracional pode realizar-se quer como paratática e hipotática, quer como encaixada. O complexo subjetivo está dentro das encaixadas. O autor considera-o numa relação lógico-semântica de *projeção* A projeção pode ser de dois tipos: *locution* e *Idea*. O autor considera ainda *facts* como um tipo de projeção, em que a cláusula projetada pode se realizar como processo mental verbal ou como um processo mental nominal, sendo que a forma que projeta constitui-se de um *pacote fechado*. Dentro deste grupo da *projeção*, ele considera as construções com cláusulas atributivas seguidas de um fato projetado. Poderíamos incluir neste grupo da *projeção* as nossas matrizes do complexo oracional subjetivo, além de considerarmos que elas selecionam como cláusula encaixada um predicado-argumento sujeito. Já o segmento A da construção apositiva apresenta, em termos de *taxis*, uma relação paratática, por *elaboração*, que é representada na informação que a sucede e que funciona como unidade apositiva (Halliday, 1985, pp. 215-221), conforme pode ser observado no exemplo (1) para complexo oracional subjetivo e no (2) para complexo oracional apositivo.

(1) O outro temor é de que haja corte nas emendas dos parlamentares. “É jogar sobre os congressistas a responsabilidade do descontrole das contras públicas. As emendas não são recursos intocáveis, mas **é muito mais fácil** *expor e cortar do Legislativo*”, disse o deputado Paulo Rubem Santiago. (*Estado de Minas*)

(2) O plano Real comemora oito anos de nascimento e três de seu fim, com 46% de aprovação, segundo o datafolha, medido em tanta controvérsia política quanto ao nascer. **Só uma coisa é certa: a hiperflação acabou.** Em foco: “Um medo real”. (Sérgio Abranches, 10/07/02)

Os exemplos acima representam a avaliação: em matriz de oração subjetiva no exemplo (1) e segmento A de construção apositiva no exemplo (2). Nos dois casos, o segmento A ocupa a primeira posição, mas o papel que exerce em relação à informação que o sucede é diferenciado. Assim, na primeira ocorrência, a unidade matriz em negrito representa a avaliação do falante em relação à informação expressa na subjetiva, *expor e cortar do Legislativo*, que constitui a informação mais importante. A avaliação do tipo apreciação é manifestada no adjetivo ‘fácil’, marcado pela gradação de ‘muito’ e ‘mais’. Já, na segunda ocorrência, o segmento A representa a avaliação do tipo julgamento do falante em relação à informação que a sucede, *a hiperflação acabou*. Esta detalha o que seja ‘coisa certa’ e realiza-se, portanto, como apositiva. Convém observar que o operador ‘só’ aponta para um único foco de informação, nítido e preciso, representado na apositiva. Além disso, destaque-se o papel conectivo do segmento A nos exemplos acima, por juntar porções de informação que o antecedem com aquelas sequências discursivas que o sucedem.

Consideramos, nos complexos oracionais em análise, que a mudança lingüística em andamento está atrelada à influência do grau de comprometimento do falante/ escritor. O valor semântico-discursivo avaliativo molda o segmento A e este se restringe a verbo ser + nome ou somente nome, moldando o valor semântico-discursivo. Nos complexos oracionais subjetivos, podemos considerar a análise tendo em vista a *motivação em competição* ou *processo de gramaticalização*, o que vai depender da função semântico-discursiva do adjetivo - geralmente epistêmico, ou ainda deontico e avaliativo - e das características morfológicas da subjetiva - tempo verbal no modo indicativo e não no modo subjuntivo. No caso dos complexos oracionais subjetivos, temos um processo explicável por *motivação em competição*.

Nos complexos oracionais apositivos, o segmento A apresenta um processo de mudança semântica que está desencadeando uma reanálise sintática. Tal segmento A é denominado de 'pequena cláusula'. As 'pequenas cláusulas' representam a delimitação e a conseqüente focalização da avaliação do falante acerca de um segmento tópico que esteja no fluxo de informação, cuja realização lingüística se dá através de sintagmas avaliativos que poderão ocorrer sozinhos ou numa oração de predicado nominal. O resultado é uma informação focalizada e saliente discursivamente, cuja delimitação pragmática fica evidente. (DIAS, 2009, pp.559-570). O formato de cláusula, constituída de [verbo ser + adjetivo/substantivo avaliativos] ou somente de [substantivo avaliativos], estabelece semelhança com traços da função conectiva exercida pelos conectores textuais oriundos de verbo- *quer dizer, ou seja e isto é* - bem como do conector de pendor argumentativo- *por exemplo* -, elementos lingüísticos peculiares da aposição. Parece-nos que as semelhanças podem levar a uma reanálise da 'pequena cláusula', e teremos uma nova função – a de conectar porções de informação - para uma velha forma – a de oração ou segmento A. Uma outra faceta desse tipo de segmento A no complexo oracional apositivo é a estreita relação com os movimentos argumentativos (VIEIRA, 2007), já que o segmento A pode representar o 'ponto de vista' do jornalista e a oração apositiva, a sustentação do ponto de vista.

A nossa proposta considera que: a) a denominação oração principal não dá conta dos comportamentos diferenciados dos complexos oracionais em estudo; b) a oração matriz seleciona um predicado-argumento no complexo oracional subjetivo; e c) o segmento A do complexo oracional apositivo é elaborado na unidade apositiva, numa relação paratática.

### 3. A manifestação da avaliação nas orações matrizes de encaixadas subjetivas: análise de dados

As orações matrizes de construções subjetivas apresentam, além da função sintática, funções modalizadoras que se sobrepõem à função sintática de oração matriz. Elas podem ser consideradas quer como modalizadoras deôntica e epistêmica, quer como avaliativas.

No caso das matrizes das encaixadas subjetivas, selecionamos a avaliação que reflete o posicionamento/comprometimento do jornalista em relação aos enunciados da encaixada. Na ocorrência (3) abaixo, o adjetivo da oração matriz, *estranho*, indica avaliação do tipo *Julgamento*.

(3) Alves levou à delegacia o médico psiquiatra Paulo César Sampaio, que integra o Conselho, que frisou que o normal é encaminhar um preso a um hospital e que cabe ao Estado atendê-lo. "**É estranho** que ele (o médico Sabino Ferreira de Farias Neto) tenha aplicado medicamentos na delegacia. Eu, como médico, não aplicaria, levaria para o hospital", afirmou. (*Estado de Minas*, 15/12/2007)

Em (3), a oração matriz é formada por [verbo *ser* + adjetivo], *É estranho*, em que o verbo está na terceira pessoa do singular do modo indicativo, como na grande maioria das ocorrências analisadas. A oração encaixada subjetiva é introduzida por conjunção *que* e realiza-se na forma finita, modo subjuntivo.

Nessa ocorrência, o falante avalia como *estranho* uma atitude médica que não condiz com as normas do presídio em relação a atendimento médico. Antes do julgamento sobre a atitude do médico, o falante explicou qual seria o procedimento correto. Existe uma norma institucional que não foi cumprida, por isso o adjetivo da oração matriz reflete avaliação através de um julgamento.

Em relação à ocorrência (4), há avaliação do tipo *Afetiva* através do adjetivo *alegria*. Essa avaliação recai sobre o estado de coisas descrito na encaixada:

(4) Ischia assinou contrato de um ano com o Boca, onde já trabalhou como auxiliar do técnico Carlos Bianchi na década passada. "Voltar após sete anos é uma satisfação enorme. *Passear pelos lugares onde já estive é uma grande alegria*", comemorou. (Estado de Minas, 27/12/2007)

Em (4), a matriz é composta por *ser*, no presente do indicativo, e por um sintagma nominal, a encaixada subjetiva realizou-se de forma não-finita, sem a presença de conjunção. Nesta ocorrência, o jogador de futebol Ischia fala da sua alegria em voltar a um lugar onde já esteve há sete anos, isto é, atribui a esse acontecimento um afeto, um sentimento, reação esta disparada pela emoção: "(...) *é uma grande alegria*".

É interessante destacar que a oração encaixada da ocorrência (4) está na posição anteposta em relação à matriz, dando ênfase ao conteúdo proposicional descrito. O fato de a encaixada subjetiva realizar-se de forma não-finita facilita, no registro escrito, a anteposição dessa oração.

Por fim, em (5), o adjetivo *interessante* da oração matriz expressa a *apreciação* do falante:

(5) De acordo com o departamento de Informática da Anvisa, a medida já alcança alguns resultados: a cada 20 acessos, 10 visitam a página de dicas e cuidados. "A partir desses dados podemos verificar que existe interesse da população, por isso é **interessante** trabalhar nesse projeto", afirma a nutricionista voluntária da Anvisa, Liliane Montenegro. (Estado de Minas, 02/01/2008)

Nessa ocorrência, a oração matriz é formada por [verbo *ser* + adjetivo], *é interessante*, em que o verbo também está na terceira pessoa do singular no presente do indicativo. A oração encaixada encontra-se na posição posposta em relação à matriz, sendo ressaltado o valor afetivo da matriz, e realiza-se na forma infinitiva, sem a presença de conjunção.

A avaliação apreciativa trata de objetos, produtos e processos, por referência a princípios estéticos e outros sistemas de valor social. Em (5), um projeto proposto no *site* da Anvisa é avaliado como *interessante* por uma nutricionista. Trata-se de um processo que tem alto valor social.

#### 4. A manifestação da avaliação no complexo oracional apositivo

O complexo oracional apositivo é constituído de segmentos A e B (apositivo). Eles podem não ter conector ou ser articulados por conectores discursivos (*ou seja, isto é, quer dizer, vale dizer* e pelo conector com finalidade argumentativa, *por exemplo*). Na ausência de conector, podemos observar as realizações: cláusulas apositivas ambíguas similares às orações paratáticas; e complexo oracional realizado com um sintagma nominal na matriz numa relação catafórica com a unidade apositiva. Neste último, encontramos um tipo de segmento A que também acumula funções peculiares de conectores discursivos apositivos. Este acúmulo de funções traduz-se num segmento A clausal e híbrido, o qual denominaremos de 'pequena cláusula'.

O segmento B serve para tornar mais clara a informação contida na unidade A, elaborando o significado de A, promovendo maior caracterização de um termo nomeado anteriormente, clarificando a informação, fornecendo detalhes ou adicionando atributos HALLIDAY (1985, pp.215-221), o que se faz através de relações semânticas (*catafórica* e *sinonímica* (as mais recorrentes), além de *parte-todo* e *hiponímia*, sendo *parte-todo* mais peculiar nas construções com *por exemplo*) e classes semânticas (*paráfrase (explicação)*),

*especificação, particularização, avaliação (conclusiva), focalização, causalidade, contraste, ressalva, ratificação e retificação (sendo os cinco últimos menos frequentes).*

As “pequenas cláusulas” realizam-se preferencialmente como predicado nominal, verbo *ser*, seguido de um adjetivo ou substantivo avaliativos, na função de predicativo; ou como substantivo avaliativo. As “pequenas cláusulas” funcionam como segmento A no complexo oracional apositivo, acumulando algumas das funções de conectores discursivos, entre elas a de conectar porções de informação que as antecedem com aquelas porções de informação que as sucedem; e ainda expressam a avaliação do locutor, projetando o seu julgamento e apreciação acerca do tema em pauta.

Dias (2009, p.563) considera que:

As “pequenas cláusulas” representam a delimitação e conseqüente focalização da avaliação do falante acerca de um segmento tópico que esteja no fluxo de informação, cuja realização lingüística se dá através de sintagmas avaliativos que poderão ocorrer sozinhos ou numa oração de predicado nominal. O resultado é uma informação focalizada e saliente discursivamente, cuja delimitação pragmática fica evidente.

Uma primeira investigação mostra que as ‘pequenas cláusulas’ representam geralmente a *avaliação atitudinal* com função de *apreciação*. Ocorrem na posição inicial no complexo oracional apositivo, mas servem para retomar porção de informação que as antecede e conectar a um segmento apositivo que as sucede.

Há dois tipos de unidade B, apositiva, conectados a “pequenas cláusulas”:

(i) uma poderá constituir-se de uma continuação da *avaliação* projetada na unidade A, ou seja, predicados nominais e adjetivos denotadores de emoção (exemplo 6); e

(6) O acesso dos mais pobres ao ensino superior público e gratuito é praticamente igual ao do ensino privado e pago, 3% e 2%, respectivamente. A faculdade privada tem, é claro, mais ricos: 75%. **A conclusão é inescapável: no Brasil, a educação secundária e superior é um instrumento da desigualdade, e não de equalização das oportunidades.** (Sérgio Abranches. Em foco: “Por que somos um país desigual?” 05/11/03)

(ii) a outra poderá constituir-se de uma série de argumentos que servem para convencer o outro a participar da *avaliação* explicitada na “pequena cláusula” (exemplos 7 e oito).

(7) As pessoas começam a fazer suas escolhas e logo se percebe que algumas estão pedindo camarões e lagostas. **Muito racional: são os pratos mais caros do cardápio e, se apenas uns poucos pedirem, vão diluir o custo pelo número de participantes.** (VEJA, 24/05/2001)

(8) O leitor fará bem em perguntar por que exatamente precisamos de um acordo com o FMI, já que se trata de fazer algo que, além de correto, é de nosso próprio interesse. Boa pergunta. **E a resposta é simples: antes do acordo, não fomos capazes de arrumar nossas contas fiscais.** (Gustavo Franco Em foco: “Uma nova “âncora” fiscal”, 01/10/2003)

No exemplo (6), encontramos a avaliação no trecho que antecede o segmento A, com utilização de dados estatísticos para dar credibilidade à avaliação concentrada na ‘pequena



cláusula'. A avaliação constitui o foco, a introjeção do locutor no texto. Para tornar mais clara a informação, o jornalista continua a sua avaliação, sob a forma de julgamento. Ou seja, 'a conclusão é inescapável' tem como informação prévia os percentuais, que justificam a posição do jornalista. Ao mesmo tempo, a continuação da avaliação pode ser observada em 'instrumento de desigualdade', que reforça a informação focada na 'pequena cláusula', o que leva o falante a sustentar o ponto de vista argumentativo em foco.

No exemplo (7), também encontramos o segmento A, indicando uma *avaliação/apreciação* acerca das escolhas feitas por algumas pessoas, quando estão em grupo jantando em restaurantes. Segundo o locutor, escolher os pratos mais caros é 'racional'. A seguir ele justifica a avaliação feita, dando suporte à sua apreciação: o número de pessoas jantando vai diminuir o preço do prato para quem escolhe os mais caros. A unidade apositiva em itálico é utilizada para *sustentar* a sua *avaliação/apreciação*. Ou seja, ela constitui-se de argumentos para sustentar o *ponto de vista argumentativo* defendido.

No exemplo (8), o segmento A - *e a resposta é simples* - representa uma *avaliação/apreciação* do locutor em relação à situação de acordos com o FMI. O locutor faz uma avaliação conclusiva da situação colocada antes do segmento A. A unidade apositiva que segue o segmento A representa a continuação da avaliação, ao mesmo tempo em que justifica a posição avaliativa focada na 'pequena cláusula'. A 'pequena cláusula' apresenta uma função conectiva, já que conecta porções de informação que a antecedem e sucedem.

Nos exemplos acima, consideramos que a reanálise das 'pequenas cláusulas' deve-se às semelhanças existentes entre este segmento A e os segmentos apositivos, que sejam introduzidos por conectores discursivos oriundos de verbo (*ou seja, quer dizer*) e por conector com pendor argumentativo, o *por exemplo*, conforme exemplo abaixo.

(9) L2 é... ( ) depois é depois passou a carreira para ser procuradores do Estado...e aí ( ) e e apesar de todas essas restrições feitas...pelos homens...é *inCRível* o número de candidatos para prestar concurso...o número de HOMens que se candidatam...e por aí a gente vê por FORa...como a coisa está difícil ( ) por isso eu vejo pelo meu marido...como eu falei para vocês ele faz seleção de pessoal né?...então...ele diz que para...por exemplo cada cem engenheiros que é pedido...ele funciona do seguinte modo as firmas precisam...de um em/ de um cara então ah por exemplo (ah) ucm:: ( ) um banco precisa de um diretor de um banco chega para ele diz assim "eu preciso de um diretor de banco para tal tal área para fazer isso assim assim assim assim" ...então ele vai procurar...certo?...ou então chega uma outra firma e diz assim "preciso...um::um gerente de::...de produção::o um gerente de ( )" normalmente é um engenheiro isso isso então eu estava explicando...que para cada cem engenheiros que são pedidos...é pedido UM advogado...*quer dizer a desproporção é inCRível*...(NURC/SP)

No exemplo acima, temos uma unidade apositiva introduzida por *quer dizer*, em que o falante evidenciam a relação entre os profissionais de duas áreas, direito e engenharia, destacando a desproporção existente de cem (engenheiros) para um (advogado). A unidade apositiva, *a desproporção é incrível*, acumula tanto a função *avaliativa* (como percebemos com o uso do qualificador *incrível*) como a *conclusiva* (conforme resultado de ocorrências) em relação a toda a informação que a antecede e que funciona como segmento A.

(10) **Qualquer nota depende tanto da excelência dos alunos como da dificuldade das provas.** *Por exemplo, as notas baixas dos cursos de matemática podem ser devidas a expectativas irrealistas dos que redigiram as provas. Se a prova é difícil*

*demais, as pontuações são baixas. (Claudio de Moura Castro. Revista Veja. Ponto de vista: “Por que defendo o Provão”, 20.08.2002)<sup>ii</sup>*

O exemplo (10) mostra a relação semântica geral- específico, sendo o geral colocado no segmento A em negrito e o específico focalizado na unidade apositiva em itálico. O jornalista posiciona o seu “ponto de vista” de que a nota depende não só dos alunos, mas também do grau de dificuldade das provas. Para dar sustentação ao seu “ponto de vista”, ele exemplifica, especificando o caso dos cursos de matemática.

Podemos considerar que a introjeção do locutor no texto através de um conector discursivo, conforme proposta de Traugott (no prelo), é observada nos conectores oriundos de verbo, especialmente *ou seja* e *quer dizer*, mas também pode ser depreendida nas ‘pequenas cláusulas’, o que as torna uma construção híbrida. Ela é a centralizadora do processo de avaliação, mas o julgamento ou apreciação do locutor pode anteceder-la e, raramente, sucedê-la. Além disso, os movimentos argumentativos facilmente observados em unidades introduzidas por ‘por exemplo’ podem ser também encontrados nas ‘pequenas cláusulas’.

## 5. Relação entre as orações/unidades nos complexos oracionais

A fim de sintetizar a relação sintática e semântica entre oração matriz e oração encaixada subjetiva, propomos uma tabela que traduz o valor avaliativo presente na oração matriz e a implicação desse valor na oração encaixada subjetiva. Essa tabela é uma adaptação de Pimpão (2008, p.5), quem utiliza Givón (2005, p.132) para sistematizar os resultados de seu estudo sobre o modo subjuntivo como item indicador de *irrealis* – tempo não-real. Além desses autores, utilizamos a proposta de Neves (2000, p. 247) para uma classificação dos adjetivos.

O quadro 1, abaixo, mostra que a *atitude* do falante se fez através da *avaliação*. Esta se realizou, quase categoricamente, como adjetivo, porque este é a expressão prototípica da atribuição de valor, característica, opinião, etc. (NEVES, 2000, p. 183).

É interessante observar que o verbo *ser* tem sua realização quase regular no presente do indicativo, terceira pessoa do singular. A oração encaixada subjetiva realizou-se sintaticamente na forma não-finita e nos modos subjuntivo e indicativo.

Valor semântico Da oração Matriz	Tipo semântico da oração Matriz	Escala sintática da Subjetiva	Subtipos Semânticos
Avaliativo	Atitude	<b>Infinitivo</b> <b>Indicativo</b>	Afeto
	Atitude	<b>Infinitivo</b> <b>Subjuntivo</b> <b>Indicativo</b>	Apreciação
	Atitude	<b>Infinitivo</b> <b>Subjuntivo</b>	Julgamento

Quadro 1: Valores avaliativos da matriz e valores do modo/forma da encaixada

Ilustramos a avaliação do tipo *afeto* com a encaixada no infinitivo:

(11) “Não existe paz na cidade dos homens brancos”. Esta frase da cultura indígena nos mostra a pureza e a verdade da avaliação que os “selvagens primitivos” fazem de nós, os

<sup>ii</sup> Esta análise foi publicada em ALFAL, 2008.

ditos civilizados. Remete-nos a uma reflexão de quem somos e para onde vamos! **É triste** constatar que a convivência pacífica e respeitosa está difícil, não apenas no caótico trânsito, mas em todos os aspectos da vida urbana. (*Tribuna de Minas*, 25/12/2007)

Em outras ocorrências, a matriz *afeto* ocorre com a encaixada no modo indicativo. Vejamos o exemplo (12):

(12) Nessa hora de definição do futuro, o telefone acaba virando companheiro inseparável. **É ruim** quando você não fez um campeonato bom e ninguém te liga. Mas, quando você está bem, surgem vários contatos. O telefone é mais ou menos o termômetro", define o atacante do Baeta, Renato Santiago. (*Tribuna de Minas*, 16/12/2007)

Nessa ocorrência, é importante ressaltar que a oração encaixada é introduzida por conjunção *quando*. Essa construção não foi recorrente nos dados, aparecendo em raras ocorrências que ilustram matrizes na expressão de avaliação afetiva e apreciativa com encaixada subjetiva realizada no modo indicativo. Reconhecemos que esses casos assemelham-se a sujeitos oracionais postulados pela gramática tradicional, mas que se distanciam desses modelos pela presença da conjunção *quando*. Acreditamos que esses casos admitam dupla interpretação: têm estrutura de sujeito oracional e, ao mesmo tempo, podemos considerar a indicação de condição ou tempo.

Já a avaliação *apreciação* ocorreu com a encaixada flexionada na forma não-finita, embora o destaque seja a ocorrência com o modo subjuntivo, exemplo (13),

(13) O superintendente ressaltou ainda a importância da colaboração da sociedade para prevenir e combater a doença. **É muito difícil** que o poder público esteja presente em todos os cantos da cidade nesse tipo de controle. Cabe à população um papel importante no controle da dengue", disse. (*Estado de Minas*, 03/01/2008)

A avaliação *apreciação* também para ocorreu com a encaixada no modo indicativo:

(14) Ela conta que, para ser atendida na Delegacia de Trânsito, aguarda, por algumas vezes, cerca de 50 minutos. "O problema é que, em muitos lugares, o número de atendentes é insuficiente para a demanda. Então, o jeito é conversar para passar o tempo. Tomo a iniciativa mesmo. **É bom** que, assim, troco conhecimentos com outras pessoas." (*Tribuna de Minas*, 18/12/2007)

Destacamos na ocorrência (14), acima, que a conjunção que introduz o possível sujeito oracional equivale à conjunção *porque*. Este também é um caso, em que acreditamos admitir dupla interpretação: "(...) que, assim, troco conhecimento com outras pessoas" funciona como sujeito oracional de "É bom" e, ao mesmo tempo, introduz uma explicação. Este foi o único caso encontrado com conjunção *que* equivalendo a *porque*<sup>iii</sup>.

<sup>iii</sup> Durante o curso *Introdução à gramaticalização numa perspectiva funcionalista*, ministrado pela Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes (USP) e pela Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira (UFF), realizado de 09 a 13 de março de 2009 durante o XIX Instituto de Linguística da ABRALIN, na Universidade Federal da Paraíba, fomos sugerido que esse e os demais casos introduzidos por conjunções cujo sentido se diferenciasse da conjunção universal *que*, fosse tratado como um caso à parte. Entretanto, decidimos apresentá-los como parte desse estudo, já que observamos que há mais de uma interpretação para tais ocorrências.

Data de envio para publicação: 29/10/10

Por fim, o *juízo*, presente na matriz, teve sua encaixada no modo subjuntivo, ocorrência (15), e infinitivo, (16):

(15) Alves levou à delegacia o médico psiquiatra Paulo César Sampaio, que integra o Conselho, que frisou que o normal é encaminhar um preso a um hospital e que cabe ao Estado atendê-lo. "**É estranho** que ele (o médico Sabino Ferreira de Farias Neto) tenha aplicado medicamentos na delegacia. Eu, como médico, não aplicaria, levaria para o hospital", afirmou. (*Estado de Minas*, 15/12/2007)

(16) A esfera das ONGs e dos movimentos sociais supre essa lacuna, pois ajuda a tirar as pessoas de sua vida privada e permite que elas participem do espaço público”, explica. Apesar disso, o pesquisador não crê que essas alternativas de engajamento na vida pública possam desempenhar plenamente a função que deveria ser exercida pelos partidos. "**É um equívoco** pensar que isso substitui o papel dos partidos, pois, no mundo das ONGs e dos movimentos sociais, a atuação é restrita a alguns setores da sociedade - ambientalistas, feministas e outras minorias -, quando os partidos deveriam sempre congregar essas diversas lutas”. (*Tribuna de Minas*, 16/12/2007)

Vale ressaltar que White (2003) propõe apenas a escala semântica da avaliação. A escala sintática apresentada acima está baseada nas observações dos dados. Em relação à análise semântica, avaliar, em termos afetivos, apreciativos e fazer um juízo, está vinculado ao comprometimento do falante sobre o conteúdo proposicional. Não há controle de ações nem por parte do falante, nem por parte do agente, porque não haver comandos.

As ‘pequenas cláusulas’ realizam-se preferencialmente como estruturas com predicado nominal, sendo o predicativo a expressão da avaliação. Não podemos falar numa inter-relação entre o segmento A e a oração apositiva, tal como ocorre com as matrizes de orações subjetivas. A relação observada é de elaboração numa relação paratática. Podemos considerar que haja a preferência por um formato de ‘pequena cláusula’ com base nos dados observados. Talvez possamos destacar que a observação de sua função conectiva seja decorrente da própria avaliação e dos movimentos discursivos de sustentação do ponto de vista, ambos recorrentes nas orações complexas apositivas, como pode ser observado nos exemplos abaixo.

(17) O significado da tomada de Bagdá se tornou mais uma questão moral. **Politicamente está claro:** *Bagdá é a primeira estação de uma vasta guerra pela hegemonia mundial.* (Sérgio Abranches. Veja. Em foco: “Guerra sem fim?” 26/03/2003)

(18) Passa pelo vexame de nomear diretores do Banco da Amazônia, indicados pelo deputado Jäder Barbalho. **O senador Calheiros é modelar: foi Collor, anti-Collor, FHC, anti-FHC, e agora é Lula. Quando será anti-Lula?** (Em foco: *A política do êxtase.* Sérgio Abranches, 10/03/04)

É interessante observar que as avaliações, presentes no segmento A, ganham suporte argumentativo na oração apositiva, uma vez que esta é responsável por ditar o evento avaliado. Para a avaliação ser caracterizada como (i) *afetiva*, (ii) *apreciativa* ou de (iii) *juízo*, é preciso que busquemos no entorno da sentença as razões da avaliação: (i) se está baseada nas emoções; (ii) nas características estéticas ou processuais; (iii) nas normas sociais. De acordo com White (2003), a avaliação pode ser observada por várias pistas. Assim, em nossos dados, o adjetivo/substantivo no segmento A é responsável por expressá-la juntamente com o verbo *ser*, e, a encaixada subjetiva é responsável por dar o suporte

necessário para se completar a leitura semântica. No caso das ‘pequenas cláusulas’, a avaliação pode ser observada no entorno da oração em foco, quer antecedendo-as, quer sucedendo-as para reforçar a avaliação. Quanto ao tempo verbal da unidade apositiva, se finita ou não-finita, os dados apontar para as apositivas categoricamente finitas.

### Conclusões parciais

Consideramos que o segmento A se realiza como unidade matriz no complexo oracional subjetivo, selecionando um predicado-argumento sujeito e como segmento paratático por elaboração no complexo oracional apositivo. O segmento A selecionado foi aquele que apresentou o valor semântico de avaliação, embora encontremos uma grande ocorrência de segmento A que expresse modalidades deôntica e epistêmica em ambos os complexos oracionais. A avaliação no âmbito da sintaxe funcionalista mostra que ela serve para o falante expressar positivamente ou negativamente alguma situação, bem como para focalizar a informação no segmento A em relação a um segmento tópico que esteja no fluxo de informação. Em relação às “pequenas cláusulas”, podemos considerar que a avaliação é categórica.

As mudanças operadas no segmento A podem ser explicadas por *motivação em competição*, o que denota um processo de mudança em seu estado inicial. Nos complexos oracionais em análise, temos o comprometimento do falante em relação à informação que se realiza como segmento B. Considera-se que o processo semântico de avaliação esteja desencadeando a reanálise sintática do segmento A. Além disso, podemos destacar que o segmento A no complexo oracional apositivo acumula outras funções, quais sejam a de conectar porções que o antecedem com porções de informação que o sucedem, e de ser utilizado pelo falante para expressar o próprio ponto de vista argumentativo, sendo que o segmento B realizar-se-á como movimento argumentativo de sustentação do ponto de vista.

A tradição gramatical vem analisando o segmento A em ambos os complexos como oração principal. A proposta funcionalista considera a oração referida como uma selecionadora de predicado-argumento no complexo subjetivo e como paratática no complexo apositivo.

ABSTRACT: This article deals with the investigation of matrix clauses in the subjective complex clauses and also with A segment in the appositive complex clauses, focusing on those clauses consisting of [verb be + evaluative noun] or only [evaluative noun] in written Brazilian Portuguese texts. The matrix select a subjective argument-predicate and the appositive clause has a paratactic relation with the A segment. We consider that the initial position of the clauses represents the ‘space’ for the expression of speaker attitudes. The investigation utilizes the American functionalist theory support.

Keywords: matrix clause; subject; apposition; evaluation.

### Referências bibliográficas

BASÍLIO, Margarida. A flutuação categorial de base adjetiva no português falado. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. Volume II: Níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1992. p. 83-109.

BIBER, D.; FINEGAN, E. Styles of stance in English: lexical and grammatical marking of evidentiality and affect. *Text*, 9, 1989, p. 93-124.

BYBEE, Joan L. Mood . Theoretical Background. In: *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. The University of Chicago Press, London, 1994: 177-242.

CASTILHO, A. T. & CASTILHO, C. M. M. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo. (Org.) *Gramática do Português Falado. Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

COSTA, R. D. *O Percurso de Gramaticalização de por exemplo*. In: I Simpósio Mundial de estudos da Língua Portuguesa. 2008, São Paulo: UNICSUL, 2008, p. 1-16. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/slps/slp02.html> Acesso em: 10/02/2009

DIAS, Nilza Barrozo. . *As “pequenas cláusulas” nas construções apositivas*. In: História do Português Paulista, Série Estudos, volume I. Organizador: Castilho. IEL/Unicamp. 2009,p.559-570.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Rouledge, 2003. Cap. 4.

FINEGAN, E. Subjectivity and subjectivisation. In: *Subjectivity and subjectivisation*. Stein & Wright (editors). Cambridge Press. 2005. [1995]

FOX, Barbara A. *Principles shaping grammatical practices: an exploration Discourse Studies* 2007; 9; 299. The online version of this article can be found at: <http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/3/299>

GIVÓN, Talmy. The lexicon. In: *Syntax: An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001: 81-103; 285-336, 337-367 e 370-398.

GOODWIN, M. Concurrent operations on talk: notes on the interactive organization of assessments. *IPRA Papers in Pragmatics*. v. 1, n. 1, 1987. p. 1-54.

GOODWIN, C. Recognizing assessable names. In: GLENN, Phil; Le BARON, Curtis; MANDELABUM, Jennifer (edits.). *Studies in language and social interaction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Orações Subjetivas e teoria dos protótipos. In: *Revista Scripta*, Belo Horizonte, 2001. v.5, nº 9.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil. Campinas, SP: [s.n.]. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2003. Tese de Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem.

HALLIDAY, M. A. K. Clause as exchange. In: *An Introduction to Functional Grammar*. 2<sup>nd</sup> ed. London: Edward Arnold Publishers, 1985. cap. 4, p. 69-105.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (edits.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. As “orações” modalizadoras. In: *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez: 1984.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: *Clause combining in grammar and discourse*. J. Haiman & S. Thompson (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988.

MYERS, Greg. *Modality an Evaluation*. Disponível em: <<http://bowland-files.lancs.ac.uk/staff/greg/da/DAModalityEvaluation.htm>> Acesso em: 29 de maio de 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. O Adjetivo. In: *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000: 173-215; 231-282; e 333-349.

\_\_\_\_\_. Imprimir marcas no enunciado. Ou: A modalização na linguagem. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 151-217.

NOGUEIRA, Márcia. *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escrito no Brasil*. Tese de Doutorado. Unesp/Araraquara. 1999.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PAYNE, John R. Negation. In: SHOPEN, Timothy. (Edit.) *Language typology and syntactic description*. New York: Cambridge University Press, 1996. v.1, cap. 4, p. 195-242.

PIMPÃO, 2008

TRAUGOTT, E.. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization. Topics in English Linguistics*. Berlin and New York: Mouton of Gruyter. ( forthcoming)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). *Verbo ser - Um verbo essencialmente gramatical*. Trabalho apresentado na mesa-redonda "A hipótese da unidirecionalidade e as mudanças no estatuto categorial de verbos no português do Brasil" no XII Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Estado do Rio de Janeiro, realizado no período de 17 a 19/11/2003, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: cópia de inédito: 9 p.

VIEIRA, Amitza Torres. A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007. 148 fl. Mimeo. Tese de Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem.

VILLELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa*. Editora Almedina, 2001. p. 244-255; 390-395.

WHITE, P. *An introduction tour through appraisal theory*. 2003. Disponível em: <<http://www.gramatics.com/appraisal/AppraisalGuide>>. Acesso em: 23 de abril de 2008.

RECEBIDO EM 30/10/2010 – APROVADO EM 13/05/2011